

TRADUÇÃO

Os contornos cambiantes da filosofia: no rastro de Hegel

Norbert Waszek¹

O artigo que segue procura mostrar de que modo alguns dos discípulos de Hegel contribuíram para a alteração dos contornos da filosofia ao desenvolver novas disciplinas acadêmicas a partir da *Enciclopédia das ciências filosóficas* hegeliana; disciplinas que logo se emanciparam do quadro enciclopédico ao qual estavam previamente confinadas. Visto que isso pode parecer uma tarefa bastante específica, um ponto de interesse que parece limitado à história da filosofia do século XIX, duas considerações talvez ajudem a visualizar o significado mais amplo do estudo que segue:

(a) Como ocorre no Prefácio à terceira edição (1830) de sua *Enciclopédia*, o próprio Hegel gostava de citar, a partir do Evangelho segundo Mateus (7.15-20), que a árvore será reconhecida pelo fruto que carrega. As atitudes de seus discípulos podem, assim, ser vistas como fornecendo um laboratório para as próprias posições hegelianas - um laboratório que Hegel teria aceitado como um justo campo de combate pois, como se sabe, Hegel tinha pouca estima por simples intenções. Ao contrário, ele acreditava nas consequências e resultados como genuínos teste de princípios.

(b) A questão meramente histórica sobre como os discípulos de Hegel desenvolveram novas disciplinas acadêmicas está intimamente relacionada com a mais desafiadora questão sistemática a respeito da relação entre as ciências empíricas e a filosofia especulativa. Para iniciarmos uma reflexão séria sobre o problema, a seguinte anedota talvez seja de alguma ajuda. Na década de 1980, Günther Holzboog (1927-2006), então diretor de uma editora bastante renomada, a Frommann-Holzboog, me disse que estava para começar uma nova série sobre o idealismo alemão que se chamaria “Spekulation und Erfahrung” [Especulação e experiência] (a série vem sendo conduzida desde 1986 e eu contribuí para o primeiro volume). Ao mesmo tempo em que o felicitei pela iniciativa, eu objetei que caso o título devesse ser hegeliano, o contrário seria mais apropriado: não uma especulação nas nuvens que seria em seguida verificada pela experiência, mas uma especulação baseada e nutrida pela experiência! Tal anedota merece certa meditação.

1 Publicação original: “The Shifting Contours of Philosophy. In the wake of Hegel”. In: Rinaldi, G.; Cerretani, G. *Etica, Politica, Storia universale. Atti del Congresso Internazionale (Urbino, 24-27 ottobre 2018)*. Canterano: Aracne editrice, 2020, p. 135-156. Norbert Waszek é Professor do Departamento de Estudos Germânicos da Universidade Paris VIII, e-mail: norbert.waszek@gmail.com. Tradução de Lutti Mira, que realiza doutorado direto no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, e conta com financiamento da FAPESP (processo n°: 2020/16260-5), e Eveline Hauck, pesquisadora colaboradora do Instituto de Economia da Unicamp.

1. 1831 e depois

Quando Hegel faleceu, no final de 1831, de modo súbito e inesperado, ele ainda reinava filosoficamente, sendo amplamente aclamado - e não somente nos muitos territórios de língua alemã. O pensamento de pessoas inspiradas pelas ideias hegelianas continuou a se desenvolver por um longo período, da Finlândia ao sul da Itália, da Rússia à Polônia e à França, e em lugares ainda mais distantes. No entanto, havia também alguma percepção de que um ápice havia sido atingido, e certos limites alcançados. “Nossa revolução filosófica está encerrada. Hegel fechou o grande ciclo”, escreveu Heinrich Heine em sua *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha* (1835),² e com isso ele talvez estivesse ecoando Eduard Gans, que terminou seu obituário de 1831 sobre seu amigo e professor Hegel dizendo que “Hegel deixa muitos discípulos engenhosos, mas nenhum sucessor; pois a filosofia concluiu, por ora, seu círculo” (Gans, 1831, p. 1752). Por tudo isso, nem mesmo Heine e Gans, que podem ser considerados entre os primeiros dos assim chamados hegelianos de esquerda,³ de fato questionaram que a “filosofia hegeliana havia encarnado a verdade” (Toews, 1980, p. 5).

David Friedrich Strauss,⁴ que iria em breve revolucionar a teologia protestante com seu seminal *A vida de Jesus* (1835-36),⁵ foi para Berlim em 1831 com o propósito principal de comparecer às aulas de Hegel. Ele conseguiu ir a apenas algumas delas antes da morte de Hegel, mas tal perda dramática fez com que ele permanecesse inabalável em sua intenção de aprofundar seu conhecimento a respeito da filosofia hegeliana. Strauss escreveu a um antigo amigo: “Hegel morreu, mas não morreu por aqui”.⁶ Por “aqui” ele designava o ambiente intelectual e institucional no interior do qual a filosofia de Hegel foi mantida por uma “escola” de estudantes devotos, também chamada de “círculo dos amigos”,⁷ uma parte dos quais já se tornara

2 Heine, 1973-97, vol. 8/1, p. 115 (primeiro em 1835, em forma de livro, mas, já em 1834, publicado como três artigos no periódico francês *Revue des Deux Mondes*). A tradução em inglês é de Ritchie Robertson, Heine, 2006, p. 289. [Edição brasileira: Heine, 1991, p. 125.]

3 A alegação de que o jovem hegelianismo se iniciou já com a *História* de Heine pode ser encontrada em Höhn, 2004, p. 350. Para o caso de Gans, ver meu artigo “War Eduard Gans (1797-1839) der erste Links-oder Junghegelianer?” (Waszek, 2015, pp. 29-51), muito embora ali se chegue a uma conclusão nuançada.

4 Cf. Waszek, 2018.

5 D. F. Strauss, *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet* (2 vols., Tübingen: Osiander, 1835-1836); edição inglesa: *The life of Jesus, critically examined*; traduzido a partir da quarta edição alemã por Marian Evans, mais conhecida como George Eliot (Londres, Chapman Brothers, 1846).

6 D. F. Strauss, “Carta a Christian Märklin” (1807-1849), datada de 15 de novembro de 1831, in: *Ausgewählte Briefe von David Friedrich Strauss*, editado por Eduard Zeller (Bonn: Emil Strauss, 1895), p. 8: “Hier ist Hegel zwar gestorben, aber nicht ausgestorben” (o alemão é fornecido para manter o trocadilho entre “sterben” versus “aussterben”).

7 Um grupo de amigos e ex-alunos do filósofo que se constituiu como uma “associação” ou “sociedade” com o objetivo de preparar uma edição completa das obras, aulas e outros manuscritos de Hegel em favor e para o benefício da família de Hegel (os editores trabalharam de maneira voluntária,

professor ainda durante a vida de Hegel. Não deve surpreender que, após sua morte, Strauss frequentou as aulas de três professores que foram muito próximos de Hegel, Philipp Konrad Marheineke, Leopold von Henning e Karl Ludwig Michelet, bem como as de Friedrich Schleiermacher.⁸ Um pouco depois, Strauss assumiu um papel ativo nos debates e eventos frequentemente descritos posteriormente como aquele processo de divisão entre o “jovem e velho” hegelianismo, ou o “de esquerda e de direita”, atualmente tomado como garantia para que se fale da existência original de uma “escola”.

Deixando para um pouco mais tarde os detalhes sobre como tal “escola” hegeliana emergiu, se desenvolveu e se dividiu, deve-se sublinhar, desde o início, exatamente a razão pela qual a filosofia hegeliana era, em contraste com outras filosofias, particularmente suscetível a tornar-se uma “escola”. Isto relaciona-se intimamente com a ampla concepção hegeliana de filosofia, sua bem conhecida integração, no interior de seu sistema enciclopédico, de um número significativo de diferentes campos de estudo, que já eram, ou tornar-se-iam em breve, disciplinas acadêmicas distintas. Como sugere o título completo do livro - *Enciclopédia das ciências filosóficas no seu traçado fundamental*⁹ (uma tradução para o inglês chegou até mesmo a enfatizá-lo como “traçado fundamental básico”¹⁰) - Hegel buscava uma abordagem sistemática de todas as “ciências filosóficas”. Dada a enorme riqueza do material, ele só poderia fazê-lo, naturalmente, no seu “traçado fundamental”. Os discípulos de Hegel tinham então a oportunidade (ou o fardo, diriam alguns) de especificar as consequências do “compêndio” hegeliano para quaisquer disciplinas correspondentes no interior das quais algum deles estivesse se tornando (ou aspirasse ser) um especialista. Logo em 1844, Karl Rosenkranz, em sua seminal biografia sobre Hegel, já articulava a tese de que a escola hegeliana havia emergido quase que como um decurso natural do sistema enciclopédico do filósofo. Enquanto membro do círculo interno dos “amigos” e seguidores de Hegel (muito embora nunca tenha sido formalmente um “estudante” de Hegel em sentido estrito), Rosenkranz era

deixando os direitos autorais para a viúva de Hegel e seus filhos).

8 Como Strauss relata na mesma carta a Märklin; cf. Strauss, 1895, p. 9s.

9 Seguindo uma recomendação do(a) revisor(a) da tradução, a quem agradecemos, decidimos alterar a maneira pela qual o título da *Enciclopédia* de Hegel foi geralmente traduzido entre nós: como se sabe, a tradução de Paulo Meneses estabelece como título *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (Hegel, 2012). Tendo em vista o argumento ora apresentado por Waszek, bem como a relação entre os contornos pós hegelianos de certas disciplinas emergentes que dão título a este artigo e o traçado fundamental estabelecido por Hegel em sua *Enciclopédia* - aspecto também apontado pelo(a) revisor(a) -, transpomos a solução de Marcos Lutz Müller para o “*im Grundrisse*” que se encontra no título da *Filosofia do direito* (Hegel, 2022) para a tradução do “*im Grundrisse*” da *Enciclopédia*. (N.T.)

10 Cf. G. W. F. Hegel: *Encyclopedia of the philosophical sciences in outline, and critical writings*. Traduzido por A. V. Miller, Steven A. Taubeneck e Diana I. Behler, editado por Ernst Behler (New York: Continuum, 1990); *Encyclopedia of the philosophical sciences in basic outline*. Traduzido e editado por Klaus Brinkmann e Daniel O. Dahlstrom (Cambridge: CUP, 2010).

obviamente bem informado e conhecia pessoalmente a maioria dos professores que ele mencionou. Como veremos, a tese de Rosenkranz talvez possa até ser lida como uma reflexão sobre seu próprio trabalho e desenvolvimento. A discussão de Rosenkranz a respeito da razão pela qual a filosofia de Hegel era particularmente propensa a criar uma “escola” culmina numa passagem que justifica uma citação integral:

Em suma, a universalidade enciclopédica [da filosofia de Hegel] ofereceu portas de entrada para todas as direções particulares na pesquisa científica. Mesmo quando o discípulo renunciava a qualquer intenção de modificar algum princípio [do sistema hegeliano], a opção permanecia aberta a ele para provar-se por si próprio na avaliação e na penetração especulativa de uma matéria particular, para prestar serviço a seu desenvolvimento e, assim, fomentar a própria filosofia. O teólogo, o jurista, o cientista natural, o linguista, o cientista político, o historiador, o esteta, todos serão convocados a participar ativamente nesse grande trabalho. O mestre precisava de aprendizes, e os aprendizes tinham a possibilidade de se tornarem mestres em suas [respectivas] disciplinas. Esta assiduidade animada - [a ser encontrada] em Marheineke, Gans, Hotho, Michelet (...) [Rosenkranz lista mais uma dúzia de nomes] - lançou-se nas diferentes ciências com um desejo de conquista, e causou nelas transformações substanciais que estão longe de terem sido concluídas (Rosenkranz, 1844, p. 381s).

Podemos examinar essa tese, em primeiro lugar, com o auxílio de exemplos significativos advindos de três disciplinas diferentes e complementares - história do direito, história da arte, e a história da literatura, associadas a hegelianos proeminentes: Gans, Hotho, e o próprio Rosenkranz -, três exemplos que pertencem à “história universal” e, portanto, ao tema do Congresso de Urbino: “Ética, Política, Storia Universale”.¹¹ Uma parte final olhará para o que Hegel se refere como “uma das ciências que surgiram na época moderna” - a economia política, em sua relação com a filosofia (ver o emblemático §189 de sua *Filosofia do direito*).¹²

2. A escola hegeliana

A existência de uma “escola” hegeliana durante o período da vida berlinense de Hegel é algo incontestável. Uma abordagem de sua formação e desenvolvimento poderia incluir uma longa lista de ex-alunos, amigos e seguidores¹³ já transmitindo

11 O Congresso Internacional, cujo tema foi “Ética, Política e História Universal” e que deu origem a este artigo, foi realizado entre os dias 24 e 27 de outubro de 2018, em Urbino, na Itália. [N.T.]

12 Hegel, *Elements of the Philosophy of Right*, editado por Allen W. Wood; traduzido por H. B. Nisbet (Cambridge: CUP, 1991), p. 227. [Edição brasileira: Hegel, 2022, p. 450-452.]

13 Eduard Gans, Leopold von Henning, Hermann Friedrich Wilhelm Hinrichs, Heinrich Gustav Hotho, Philipp Konrad Marheineke, Karl Ludwig Michelet, Karl Rosenkranz, Wilhelm Vatke, e outros. No que segue, três deles (Gans, Hotho e Rosenkranz) serão comentados em maior detalhe.

o pensamento hegeliano para a próxima geração, com frequência utilizando os manuais de Hegel. Um outro indicador da existência de uma “escola” pode ser encontrado nas defesas ou apologias publicadas a respeito de Hegel, sua figura fundante. Logo no prefácio (de Gans) de 1833 à primeira edição póstuma da *Filosofia do direito* de Hegel, tal posição apologética é claramente detectável. A prática de defender Hegel contra seus críticos se estende quase até o final do século XIX; discípulos de Hegel continuaram a publicar textos com verve apologética: quando o mestre era atacado, seus ex-alunos e amigos estavam prontos para responder.¹⁴ Outras instituições que confirmam a vigorosa existência de uma “escola” que havia emergido a partir da filosofia hegeliana inclui os “Anuários de crítica científica” (*Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik*), que foi por mais de 20 anos o principal periódico hegeliano, em geral permanecendo próximo às intenções e convicções do filósofo.¹⁵ A primeira edição completa das obras de Hegel,¹⁶ editada por um “círculo dos amigos do falecido”,¹⁷ é também muito relevante. Ela não somente republicou os livros impressos do filósofo, como também criou um novo *corpus* ao editar os vastos ciclos de aulas inéditas. Essas aulas apresentavam aos discípulos que haviam se tornado editores algumas tarefas difíceis, manejadas de forma diferente de acordo não somente com as capacidades particulares de cada editor, mas também com a qualidade variada de grande parte do material com o qual os editores trabalhavam. Em conjunto, as edições das obras completas de Hegel e as compilações póstumas de aulas cumpriam uma dupla função para a escola hegeliana. Para o interior da escola, os editores foram trazidos e permaneceram unidos pela necessidade de trabalho conjunto, o que criou maior unidade e coesão mútua entre os discípulos de Hegel. Para o exterior, o trabalho conjunto apresentava a imagem de uma “escola” unida.

Esse não é, contudo, o final da história da edição das “obras” de Hegel pelo seu “círculo dos amigos”. Interessados em construir suas disciplinas tomando como base os trabalhos sistemáticos de Hegel, os discípulos, quando transformavam as aulas hegelianas em livros, inclinavam-se a exagerar, canonizar e mesmo encerrar como um *sistema* aquilo que era sistemático, porém não estabelecido rigidamente

14 Dentre inúmeros exemplos, cf. o panfleto de Rosenkranz contra Rudolf Haym, que carrega até o termo “apologia” em seu título: K. Rosenkranz, *Apologie Hegels gegen Dr. R. Haym* (Berlim: Duncker & Humblot, 1858); ver também o elogio pelo centenário de nascimento de Hegel: C. L. Michelet, *Hegel, der unwilderlegte Weltphilosoph: eine Jubelschrift* (Leipzig: Duncker & Humblot, 1870).

15 Cf. *Die “Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik”: Hegels Berliner Gegenakademie*, editado por Christoph Jamme (Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1994); Bonacina, 1997.

16 *Georg Wilhelm Friedrich Hegel’s Werke*. Vollständige Ausgabe durch einen Verein von Freunden des Verewigten (18 volumes, Berlim: Duncker e Humblot, 1832-1845).

17 Segundo os próprios volumes e o contrato com o editor, o “círculo dos amigos” era composto por: Johannes Schulze; Eduard Gans; Leopold von Henning; Heinrich Gustav Hotho; Karl Ludwig Michelet e Friedrich Förster. Mais tarde, outros editores se associaram: Ludwig Boumann, Karl, o filho de Hegel, Karl Rosenkranz, Bruno Bauer. Para mais detalhes ver: Jamme, 1984.

pelo ensinamento do mestre. Enquanto as edições críticas recentes das notas dos estudantes sobre as aulas de Hegel¹⁸ o mostram experimentando com os materiais e, com o passar dos anos, alterando não somente detalhes mas a própria estrutura da exposição, ao menos uma parcela dos editores das primeiras obras reunidas atenuou diferenças e tensões, dando uma aparência de um tipo de sistema fechado e rígido que Hegel nunca advogou. O caso primordial para se explorar essas dificuldades é a edição de Heinrich G. Hotho da *Estética* hegeliana.¹⁹ De um lado, sua edição é uma realização admirável, transformando a *disjecta membra poetae* (as próprias anotações de aula de Hegel, em desordem e sobrecarregadas com adições tardias; notas de uma variedade de ex-alunos, mais ou menos talentosos, que frequentaram as aulas em diferentes anos) num livro bem escrito, organizado e de sucesso.²⁰ Mais recentemente, por outro lado, o trabalho de Hotho tem sido questionado, não somente pelas liberdades tomadas com relação ao material à sua disposição, como também por ocultar modificações arbitrariamente introduzidas no texto, e por modificações de sua própria lavra.²¹ O problema não precisa ser resolvido aqui; ao fim e ao cabo, talvez seja uma questão de perspectiva: enquanto alguns leitores apreciam um livro bem escrito, sem as sutilezas de um aparato crítico, outros desejam saber o que disse propriamente o filósofo num ano ou noutro.

Enquanto havia, naturalmente, dissensões entre os discípulos de Hegel antes de 1831 - por exemplo, já no início de 1826, Eduard Gans escreveu ao filósofo francês Victor Cousin (1792-1867) afirmando que a escola hegeliana poderia logo se cindir em duas orientações, uma próxima a uma monarquia constitucional e liberal, a outra em linha com o governo prussiano de então²² -, quando vivo, Hegel possuía carisma suficiente e uma habilidade para resolver disputas ou efetuar reconciliações muito antes que as dissensões degenerassem em antagonismos. A coesão de sua escola talvez tenha sido reforçada durante o período de choque e luto diante da repentina morte de Hegel, quando sentimentos de apreço estavam frescos, fortes e uniam os “amigos” para continuarem o trabalho coletivo nos *Anuários* e na primeira edição das obras reunidas. Um pouco depois, o inevitável se seguiu. Hegel não estava mais lá para mediar os conflitos e a unidade da escola ficou prejudicada.

18 A edição crítica das notas dos estudantes a respeito das aulas de Hegel começou com Hegel, *Vorlesungen über Rechtsphilosophie 1818-1831* (4 volumes, editado por Karl-Heinz Ilting, Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1973-1974). Muitas outras aulas têm sido desde então editadas nessa coleção: Hegel, *Vorlesungen. Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte* [editores diferentes em cada volume] (17 volumes, Hamburgo: Meiner, 1983-2007).

19 *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Vorlesungen über Aesthetik*, 3 volumes, editado por H. G. Hotho. (Berlim: Duncker & Humblot, 1835-1838) [= volume 10.1-3 dos *Werke*; ver acima, nota 14].

20 As numerosas traduções da edição de Hotho (em francês, italiano, russo, etc.) confirmam o veredito de Sir Malcolm Knox: “Hotho realizou seu trabalho brilhantemente”; In: Hegel, 1975, vol. I, p. vi.

21 Cf. Gethmann-Siefert, 1983.

22 Cf. Gans, 2011, p. 186s.

Tem sido um lugar comum na história das ideias que uma “cisão” ou uma “dissolução” da escola hegeliana teve lugar, seja ela dúplice (direita/velhos e esquerda/jovens) ou tríplice (esquerda propensa à crítica; centro defensivo e de manutenção; direita acomodatória e conservadora).²³ Foi David F. Strauss quem, em 1837, primeiro aplicou a terminologia esquerda/centro/direita, a partir da disposição dos assentos na Assembleia francesa desde 1789, para uma classificação dos discípulos de Hegel, com uma ironia que alguns de seus leitores deixaram passar.²⁴ Não é incidental que tenha sido em sua discussão de Cristologia que Strauss elaborou tal distinção, pois questões relacionadas à religião desempenhavam um papel condutor nos debates da década de 1830, muito embora não com uma grande precedência sobre assuntos sociais e políticos (em particular as questões constitucionais).

3. Eduard Gans e a Lei de herança

Entre as disciplinas emergentes a partir do sistema enciclopédico de Hegel, a primeira, em termos de cronologia, teve lugar em *A lei de herança no desenvolvimento histórico mundial*, de Eduard Gans.²⁵ O estudo de Gans começou a ser publicado já em 1824, quando Hegel ainda estava vivo para comentar sobre a empreitada. Dentro do vasto domínio da lei civil, a lei de herança pode parecer um campo menor e na verdade especializado, mas para Gans esse claramente não é o caso e, de fato, o tema possui uma importância social vital em função de seu vínculo com os direitos de propriedade. As leis de herança dizem respeito à transmissão de propriedade, direitos e obrigações de uma geração a outra. Gans concebia seu estudo acadêmico necessariamente como uma parte da filosofia.²⁶ Uma vez que ele não fazia mistério a respeito de sua adesão à “última, profunda e ainda atual configuração da filosofia, (...) isto é, o sistema de Hegel”,²⁷ em meio a realização de seu projeto Gans examinou incansavelmente as leis de herança indianas, chinesas, judaicas e islâmicas, antes de se voltar para Grécia e Roma. Não avesso à provocação da Escola Histórica do direito e de seu líder incontestado, von Savigny, Gans tinha razões mais amplas para desafiar o

23 Cf. Toews, 1980, pp. 203-54; em maior detalhe: Ottmann, 1977.

24 D. F. Strauss, *Streitschriften zur Vertheidigung meiner Schrift über das Leben Jesu und zur Charakteristik der gegenwärtigen Theologie*, Heft 3 (Tübingen: Osiander, 1837), p. 95 (para a primeira menção da divisão tríplice), todo o capítulo “Verschiedene Richtungen innerhalb der Hegelschen Schule in Betreff der Christologie” para sua explicação, pp. 95-126.

25 Gans, *Das Erbrecht in Weltgeschichtlicher Entwicklung: Eine Abhandlung der Universalrechtsgeschichte* [quatro volumes publicados durante a vida de Gans; outros dois eram projetados quando Gans subitamente morreu em 1839] (4 volumes: I: Berlim: Maurer, 1824; II: Maurer, 1825; III: Stuttgart & Tübingen: Cotta, 1829; IV: Stuttgart & Tübingen: Cotta, 1835).

26 Gans, 1824, p. xxix: “Als Wissenschaft ist sie [i. e. die Rechtswissenschaft] nothwendig ein Teil der Philosophie”. A frase de Gans corresponde exatamente à própria fórmula de Hegel: “A ciência do direito é uma parte da filosofia”. Hegel, 1991, p. 26, §2. [Hegel, 2022, p. 152, grifo do autor.]

27 Gans, 1824, p. xxxix.

privilégio concedido por Savigny a uma única tradição em sua *História da lei romana na idade média*.²⁸

Em suas *Preleções sobre a filosofia da história mundial*,²⁹ Hegel havia seguido um percurso similar através das mesmas civilizações que compareceram em Gans. Quando menciona a recente publicação de Gans numa carta, Hegel parece não somente orgulhoso do sucesso de seu discípulo; comentando sobre a publicação, ele afirma explicitamente que Gans havia baseado seu estudo na história do direito em suas próprias aulas sobre a história mundial.³⁰ Essa é a maneira pela qual Hegel desejava que seus discípulos fizessem uso produtivo, cada um em sua própria disciplina, do traçado fundamental apropriado tal como fornecido em sua *Enciclopédia*.

Gans era não somente o único aluno que, no espírito de Hegel, se voltou a um tratamento especializado de um tema jurídico. Karl Ludwig Michelet, na época mais um estudante de doutorado, relata em sua autobiografia como Hegel o orientou rumo a um tema jurídico para sua tese.³¹ Diferentemente de Michelet, contudo, que depois se voltou para outros campos,³² Gans permaneceu como professor de direito (ele chegou mesmo a avançar para o posto de reitor da Faculdade de Direito em 1831 - na capital prussiana, Berlim, onde os futuros funcionários públicos eram treinados). Mais importante para o nosso artigo é que ele se tornou um pioneiro do *direito comparado sob uma perspectiva universal*. Não é exagerado dizer que Gans, elaborando a partir de meras intenções ou das indicações programáticas de precursores como Montesquieu, o velho Feuerbach e Thibaut,³³ seu professor de

28 Von Savigny, *Geschichte des römischen Rechts im Mittelalter* (6 volumes, Heidelberg: Mohr, 1815-1831). No momento em que Gans iniciou sua *História da lei de herança*, os primeiros três volumes do livro de Savigny estavam disponíveis.

29 Cf. a antiga edição somente da introdução - G. W. F. Hegel, *Lectures on the philosophy of world history: introduction: Reason in history*. Traduzido por H. B. Nisbet, com uma introdução de Duncan Forbes (Cambridge: CUP, 1975) - com a recente edição das aulas de 1822/23: *Lectures on the philosophy of world history. Manuscripts of the introduction and the Lectures of 1822-3*. Editado e traduzido por Robert F. Brown & Peter C Hodgson, com a assistência de William G. Guess (Oxford: Oxford University Press, 2011); *Filosofia della storia universale: secondo il corso tenuto nel semestre invernale 1822-23*, introdução e tradução de Sergio Dellavalle (Torino: Einaudi, 2001).

30 G. W. F. Hegel, "Carta a Karl J. H. Windischmann" (1775-1839), datada de 2 de abril de 1824, in: Hegel, 1984, p. 565; cf. o entusiasmo de Hegel com a nomeação de Gans numa carta a Cousin, de 5 de abril de 1826: "Gans foi nomeado professor de direito em nossa universidade, o que me causou grande satisfação em todos os sentidos", Hegel, 1984, p. 638.

31 K. L. Michelet, *Wahrheit aus meinen Leben* (Berlim: Nicolai, 1884), p. 76: "A partir de sua especialidade [Michelet havia completado seus estudos em direito em 1822; N. W.], Hegel me disse, você deveria retirar o tópico [de sua tese]. Ele até mesmo sugeriu o tema preciso para mim (...) e desse modo eu cheguei a escrever *De doli et culpae in iure criminali notionibus*" (Berlim: Petsch, 1824).

32 Notadamente à filosofia antiga, a de Aristóteles em particular. Que Michelet tenha editado as *Preleções sobre a história da filosofia* de Hegel - *Hegel's Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, 3 volumes, editado por K. L. Michelet (Berlim: Duncker & Humblot, 1833-1836) [*Werke*, volumes 13-15; ver nota 14] - pertence ao mesmo contexto.

33 Com frequência, Gans cita Montesquieu, P. J. A. Feuerbach e A. F. J. Thibaut. Thibaut acompanhou a carreira de seu ex-aluno com um interesse solidário e Feuerbach, numa nota publicada logo

Heidelberg, de fato criou tal disciplina e executou seu programa de maneira exemplar com seu livro *A lei de herança*. Nessa realização, seu débito com Hegel não pode ser posto em dúvida. Ele assim declarava, com certa frequência e com gratidão. Era quase inevitável, no entanto, que tal empreitada também levasse Gans para além de Hegel. De um lado, a própria riqueza do material histórico induziu Gans, como ele mesmo coloca, a gradualmente desgarrar-se da estrutura sistemática da filosofia de Hegel.³⁴ De outro, Gans liberou sua nova disciplina a partir da retrospectiva hegeliana - “a coruja de Minerva só começa seu voo quando irrompe o anoitecer”³⁵ - e a abriu para o futuro.³⁶

4. História Filosófica da Arte de Hotho

Não há surpresa na ambição de Hotho³⁷ de se equiparar às conquistas de Gans na história do direito por meio de seus próprios esforços em direção a uma história filosófica da arte. Os dois homens tinham contato próximo; eram, na verdade, amigos.³⁸ Talvez os frutos finais do trabalho de Hotho sejam atrasados na aparência e fragmentários na forma, mas as intenções da disciplina que ele esposou e cultivou já estão claramente esboçadas nas suas primeiras contribuições para os supracitados *Anuários*.³⁹ Em um de seus primeiros artigos, comentando uma recente investigação sobre a justiça em seu desenvolvimento histórico-mundial,⁴⁰ Hotho leva em conta que a relação da Escola Hegeliana conduz à tarefa específica de aprofundar as novas

antes de sua morte em 1833, chegou mesmo a dizer que ele esperava de Gans o que ele não conseguira atingir em seu período de vida; *Anselms von Feuerbach kleine Schriften vermischten Inhalts* (Nuremberg: Otto, 1833), p. 165.

34 Numa nota autobiográfica que ele escreveu no início de 1835 (publicada em: *Hallische Jahrbücher für Deutsche Wissenschaft und Kunst*, volume 3, 1840), p. 902.

35 Hegel, 1991, p. 23. [Hegel, 2022, p. 148.]

36 Cf. Lucas, 2002.

37 Cf. Ziemer, 1994; Bertolino, 1996.

38 Em 1825, eles viajaram juntos para Paris. A estadia de seis meses por lá foi um período formativo para ambos. No caminho de volta para Berlim, eles pararam em Stuttgart - onde encontraram o famoso editor Cotta, e ambos conseguiram a chance de contribuir para periódicos pertencentes a seu império - e depois em Weimar, onde foram recebidos por Goethe. Ambos deixaram relatos de sua viagem e estadia: Hotho, *Vorstudien für Leben und Kunst*. Stuttgart: Cotta, 1835 (para sua estadia em Paris: pp. 177-222); Gans, “Paris im Jahre 1825”, in: *Rückblicke auf Personen und Zustände* (Berlim: Veit, 1836), pp. 1-47.

39 Entre seus trabalhos tardios: *Geschichte der deutschen und niederländischen Malerei* (2 volumes. Berlim: Simion, 1842-43); *Die Malerschule Huberts van Eyck nebst deutschen Vorgängern und Zeitgenossen*. 2 volumes [incompleto] (Berlim: Veit & Co, 1855-58); *Geschichte der christlichen Malerei in ihrem Entwicklungsgang dargestellt*. 3 volumes [incompleto]. Stuttgart: [s.n.] 1867-1872. Suas dez contribuições para os *Anuários* abrangem os anos 1827-1833; ver Ziemer (1994), p. 372.

40 Por um certo Saling, *Die Gerechtigkeit in ihrer geistgeschichtlichen Entwicklung* (Berlim: C.F. Plahn, 1827); cf. a resenha de Hotho do livro em *Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik*. N^{os}. 31-34 (Agosto de 1828), pp. 251-265.

disciplinas. Em consonância com a citação anterior de Rosenkranz (ver o final da seção 1), Hotho está assim dando uma contribuição adicional aos esforços de Wolfgang Eßbach para definir a Escola Hegeliana, entre outras características, por meio das tarefas que ela colocou para si mesma.⁴¹

Enquanto Descartes, Espinosa, Kant e Fichte exigiam confessores [*Bekenner*], e não discípulos que fossem [ao mesmo tempo] colaboradores, é próprio do princípio da filosofia contemporânea [quer dizer, da filosofia hegeliana; N. W.] que, considerando a extensão e variedade dos assuntos a serem conquistados, não se pode realizá-la sem a ajuda de colaboradores diversamente talentosos (Hotho, 1828, p. 252).

De acordo com Hotho, os discípulos se voltavam para a filosofia hegeliana quando procuravam princípios que pudessem auxiliar em sua nova elaboração de campos particulares. Nessa perspectiva, foi característico de Hotho privilegiar, em Hegel, a tardia *Enciclopédia* de Berlim em detrimento da prematura *Fenomenologia*, referindo-se a esta como antiquada, de “um tempo cujos interesses e reivindicações ficaram para trás”. A própria empreitada de Hotho na direção de uma história hegeliana da arte foi elaborado em um período em que a dita “Escola de História da Arte de Berlim” era famosa, contando com autores como Aloys Hirt (1759-1837) e Carl Friedrich von Rumohr (1785-1843). Preocupado com precisão descritiva e cronologia acurada, Hotho desenvolveu seu trabalho a partir das obras desses autores, mas os denominou “empiristas espirituosos” [*geistvolle Empiriker*]. Sua própria preocupação era aprofundar a filosofia hegeliana pela via do desenvolvimento crítico, e contra a subordinação das obras de arte sob categorias de um sistema rígido - um procedimento dogmático que pode ser designado como pseudo-hegeliano. Seu trabalho aqui não significou o abandono de um projeto de uma história da arte histórico-mundial e filosófica, como ele tornou claro em uma outra resenha para os *Anuários*:

O impulso no sentido de um tratamento da história que é ao mesmo tempo histórico-mundial e filosófico está finalmente começando a se estender para a história da arte. [...] O autor destas páginas é da opinião de que a história da arte, que até agora floresceu em sua direção empírica, não apenas precisa ser tratada de forma filosófica, mas tem que ser integrada e implementada como uma parte da ciência do belo e da arte (Hotho, 1832, p. 902).

Embora isso soe de fato hegeliano, Hotho não pode ser considerado um mero epígono, ou um papagaio, dada a importante reavaliação da arte grega e romana e a reconsideração da arte cristã no interior de seu projeto. Durante sua própria vida, Hegel permaneceu de certa forma sob influência do que E. M. Butler se referiu de forma polêmica em um livro outrora famoso como “a tirania da Grécia sobre a Alemanha” (Butler, 1935), e em alguma medida culpado por ter negligenciado ou depreciado a arte contemporânea. Hotho igualmente tinha um certo hábito de desacreditar as

41 Cf. Eßbach, 1988, p. 116s.

obras de arte contemporâneas, mas não manteve a perspectiva segundo a qual a arte grega era o padrão definitivo. Ela foi para ele apenas uma época (dentre outras); cada época, Hotho insiste, tem seu próprio valor. Daí sua dedicação de tanto tempo e energia, mais tarde em sua vida, à pintura cristã (cf. Hotho, 1867-1872).

5. História da Literatura de Rosenkranz

Os esforços de Karl Rosenkranz na direção de uma história da literatura, iniciada em 1830 e elaborada em vários estudos, talvez possa servir aqui de terceiro exemplo, culminando no primeiro estudo fundamental sobre Diderot na Alemanha e numa série de publicações tardias.⁴² Ele pode igualmente ser considerado um pioneiro, ao lado de J. F. Herbart, seu predecessor em Königsberg na antiga cadeira de Kant, de uma filosofia sistemática da educação⁴³ - mas essa história não pode ser contada no presente artigo. Os dois estudos precedentes de Rosenkranz sobre a história da poesia (o primeiro de 1830, quando Hegel ainda estava vivo, o segundo foi publicado logo após sua morte) fornecem uma boa ideia de sua perspectiva e de suas intenções. Embora Hegel não seja explicitamente mencionado no texto de 1830 - além de sua concentração na poesia da Idade Média, isto talvez explique a calorosa recepção do livro por parte de Ludwig Tieck e outros autores do movimento romântico⁴⁴ - a inspiração hegeliana por trás do livro é detectável: já em seu prefácio, Rosenkranz enfatiza seu desejo de fornecer “uma história da poesia do ponto de vista filosófico” (Rosenkranz, 1830, p. VI). Olhando para aqueles anos em sua autobiografia, Rosenkranz torna a conotação hegeliana de sua empreitada mais explícita: sua perspectiva principal seria a “história da consciência e sua reflexão nas produções poéticas da Idade Média” (Rosenkranz, 1873, p. 424). Como se a alusão à “história da consciência” não estivesse clara o suficiente, ele acrescentou um pouco mais tarde que estava, no período, sob o completo encanto (*Befangenheit*) da *Fenomenologia* de Hegel. Embora seja de lá, notadamente do capítulo sobre a

42 Rosenkranz, *Geschichte der deutschen Poesie im Mittelalter* (Halle: Anton & Gelbcke, 1830); *Handbuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie*. 3 volumes [I: *Geschichte der orientalischen und der antiken Poesie*; II: *Geschichte der neueren Lateinischen, der Französischen und Italienischen Poesie*; III: *Geschichte der Spanischen, Portugiesischen, Englischen, Skandinavischen, Niederländischen, Deutschen und Slawischen Poesie*] (Halle: Eduard Anton, 1832-1833); *Goethe und seine Werke* (Königsberg: Bornträger, 1847, segunda edição, 1856); *Die Poesie und ihre Geschichte: eine Entwicklung der poetischen Ideale der Völker* (Königsberg: Bornträger, 1855); *Diderot's Leben und Werke* (2 volumes, Leipzig: Brockhaus, 1866); *Neue Studien* (4 volumes, Leipzig: Koschny, 1875-1878).

43 Rosenkranz, *Die Pädagogik als System. Ein Grundriß* (Königsberg: Bornträger, 1848 – nova edição com introdução de Michael Winkler. Iena: Paideia, 2008). O texto foi traduzido para o inglês já em 1872 – *Pedagogics as a system*, traduzido por Anna C. Brackett (St. Louis, Mo.: Studley, 1872) – e é ainda reimpresso.

44 Como Rosenkranz relata em seu trabalho autobiográfico: *Von Magdeburg bis Königsberg* (Berlim: Heimann, 1873), p. 426s.

“religião da arte”, e não das lições de Hegel sobre estética, que Rosenkranz tirou seus princípios mais importantes,⁴⁵ ele se defende contra acusações de escolástica pseudo-hegeliana tacanha. Segundo ele, não haveria sujeição do material empírico a um sistema já completo.⁴⁶ Sua crítica leve e tardia à *Fenomenologia*, considerada como “unilateral e insuficiente” no que diz respeito à Idade Média, foi acompanhada de uma tentativa de “completar e aperfeiçoar” seu tratamento.⁴⁷ Seu *Manual* de 1832/33 é histórico-mundial em seu escopo (do mundo oriental, via antiguidade grega e romana, para a moderna poesia europeia) com um forte sabor hegeliano e agora explícitas referências ao filósofo.⁴⁸

Rosenkranz também foi além de Hegel na tentativa de unir as classificações estéticas, por exemplo, conforme as formas da poesia (épica, lírica e dramática), com atenção especial para as obras individuais de poesia e com o manuseio de uma surpreendente riqueza de material. Foi provavelmente essa qualidade de seu trabalho que permitiu sua emancipação da disciplina da história da literatura em relação ao sistema hegeliano. Entretanto, ele igualmente reforçou a perspectiva hegeliana a respeito do desenvolvimento da literatura, notadamente com um conspecto ao final de seu terceiro e último volume⁴⁹ - uma provisão cuja decisão foi resultado de intercâmbios entre Rosenkranz e Hotho.⁵⁰ O intercâmbio entre Rosenkranz e Hotho mostra que a criação de disciplinas a partir do sistema enciclopédico hegeliano foi também uma empreitada cooperativa. Olhando para seu *Manual* em sua autobiografia, Rosenkranz estava muito bem autorizado a reivindicar de forma orgulhosa que sua história da poesia fora “o primeiro esforço completamente realizado na área, escrita de acordo com princípios estéticos e com uma perspectiva histórico-mundial”.⁵¹

6. Economia Política: uma ciência que se originou na idade moderna

O caso da economia política é mais intrincado, porém provavelmente também

45 Rosenkranz, 1873, p. 424 e cf. Rosenkranz, *Hegel: Sendschreiben an den Hofrath und Professor Carl Friedrich Bachmann in Jena*. Königsberg: Unzer, 1834, p. 122s.

46 Rosenkranz, *Geschichte der deutschen Poesie im Mittelalter* (1830), p. VIII: “Von einem vor der Durchforschung des Gegebenen bereits fertigen System, dessen Formeln ich vielleicht nur mit besonderem Stoff von Außen her angefüllt hätte, weiß ich nichts” [Não sei nada sobre um sistema que já foi concluído antes da investigação do dado, cujas fórmulas eu teria talvez preenchido apenas com material particular provindo externamente].

47 Rosenkranz, 1873, p. 424.

48 Por exemplo: Rosenkranz, *Handbuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie* (1832), vol. I, pp. 160, 234; vol. II, p. 228; vol. III, p. IIIs.

49 Rosenkranz, *Handbuch...*, vol. III, p. 397-434.

50 Como o próprio Rosenkranz sublinhou em seu *Handbuch*, volume III, p. XI; cf. Ziemer (1994, *op. cit.*), p. 184s.

51 Rosenkranz, *Von Magdeburg bis Königsberg* (1873), p. 475s.: “ein Werk, welches der erste vollständig durchgeführte Versuch auf diesem Felde nach festen ästhetischen Prinzipien und mit weltgeschichtlichem Sinn geschrieben war”.

de maior importância. Como indicado acima, o próprio Hegel celebrou a disciplina como aquela que “dá crédito ao pensamento”, e ele associou sua recente emergência com os nomes de Adam Smith, Jean-Baptiste Say e David Ricardo - todos os três ainda considerados como seus pais fundadores. Nessa nova ciência, a qualidade que Hegel mais apreciava era que “ela encontra as leis subjacentes a uma massa de ocorrências contingentes”. Comparando essa ciência com a astronomia, Hegel explicou detalhadamente a realização distintiva da economia política: “ela tem semelhança com o sistema planetário, o qual apresenta apenas movimentos irregulares ao observador, cujas leis, apesar disso, podem ainda assim ser reconhecidas”.⁵² O uso que Hegel fez das descobertas dos economistas políticos, com os quais reconheceu sua dívida, em seu “sistema dos carecimentos” (§§189-208) e igualmente em outras seções de sua consideração sobre a “sociedade civil” é frequentemente objeto de grande interesse. Desde uma famosa passagem do Prefácio de Karl Marx à sua *Para a crítica da economia política* (1859),⁵³ isso permanece na literatura hegeliana do século XX.⁵⁴

Embora essa história subsequente vá além do escopo deste artigo, deve-se esclarecer que os discípulos de Hegel estavam completamente cientes dessa integração da economia política em seu sistema. Gans, em seu prefácio para a edição de 1833 da *Filosofia do Direito* de Hegel, explica que mesmo à ciência da economia política “é dado seu devido lugar no tratamento da ‘sociedade civil’”.⁵⁵ Em suas próprias lições, publicadas há alguns anos,⁵⁶ Gans levou mais adiante esse plano geral, complementando as alusões de Hegel aos eminentes economistas com um esboço mais robusto e tripartite da doutrina econômica: (1) o “sistema mercantilista” de Jean-Baptiste Colbert; (2) o “sistema fisiocrata” exemplificado por François Quesnay; (3) o “atualmente dominante” e “único verdadeiro” “sistema industrial”,⁵⁷ fundado por Adam Smith e elaborado subsequentemente por Ricardo e

52 Hegel, 1991, p. 227s., § 189 e adendo.

53 Marx, 2012 [1859], p. 11: “(...) [as] relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de ‘sociedade civil’ [*bürgerliche Gesellschaft*], seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; (...) a anatomia da sociedade civil [*bürgerliche Gesellschaft*] deve ser procurada na economia política”. [Ed. Brasileira: Marx, 1974, p. 135.]

54 Lukács, 1975; Riedel, 1984; Waszek, 1988.

55 Gans, “Prefácio”, in: Hegel, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Segunda edição, ed. E. Gans (Berlim: Duncker & Humblot, 1833), p. V-XVII, aqui p. VIII – tradução inglesa em Michael H. Hoffheimer, *Eduard Gans and the Hegelian philosophy of law* (Dordrecht: Kluwer, 1995), pp. 87-92, aqui p. 88.

56 Há agora três edições das lições de Gans sobre direito natural e história universal do direito, um curso frequentemente repetido por ele e constantemente ampliado desde o final da década de 1820 até quase a sua morte em 1839: Gans: *Philosophische Schriften*, ed. Horst Schröder (Berlim: Aufbau, 1971), aqui p. 108ss.; *Naturrecht und Universalrechtsgeschichte*, ed. Manfred Riedel (Stuttgart: Klett-Cotta, 1981), aqui p. 82ss.; *Naturrecht und Universalrechtsgeschichte: Vorlesungen nach G.W.F. Hegel*, ed. Johann Braun (Tübingen: Mohr-Siebeck, 2005), aqui pp. 164-166.

57 Gans, 2005, p. 165.

Say. Gans professa explicitamente o último sistema e o considera capaz de “perfeição infinita”.⁵⁸ Em algumas preleções posteriores, Gans parece ter integrado os autores alemães de teoria econômica no interior da terceira categoria, notadamente Karl Heirinch Rau (1792-1870)⁵⁹ - segundo Friedrich Engels, um dos raros economistas alemães que Marx havia realmente estudado (seu foco principal foram os “grandes [autores] franceses e ingleses”⁶⁰). Gans fez também algumas menções passageiras às teorias saint-simonistas naquele contexto,⁶¹ um assunto tratado em uma parte anterior de suas lições e em outros textos.⁶²

O importante aqui é que Gans claramente notou a necessidade de dizer mais sobre a nova ciência da economia política, donde seu esboço dos diferentes estágios do pensamento econômico. Importante também é que ele reconhece que toda uma nova terminologia foi cunhada pela nova disciplina.⁶³ Diferentemente de seu próprio projeto sobre a história universal da lei de sucessão, ele não achou necessário separar a disciplina da economia política do “sistema dos carecimentos” hegeliano, isto é, a fundamental seção de abertura da parte mais extensa do sistema de Hegel, intitulada “sociedade civil”, apresentada em sua *Filosofia do Direito* e, de forma ainda mais sucinta, nos parágrafos correspondentes de sua *Enciclopédia* (§§ 523-528).

Em contraste, o próprio Hegel, depois de publicar sua *Filosofia do Direito* (1820/1821)⁶⁴, parece ter reconsiderado a questão. Isso se torna evidente em suas posteriores *Lições sobre a História da Filosofia*,⁶⁵ onde ele lida em vários lugares com os contornos cambiantes da filosofia. Já no contexto de sua consideração a respeito de Platão, Hegel diz que “a palavra filosofia teve diferentes significados em diferentes

58 Gans, 1981, p. 84: “Wir bekennen uns zum Industriesystem von Adam Smith” [Estamos comprometidos com o sistema industrial de Adam Smith]; Gans, 2005, p. 166: das “Industriesystem [ist] einer unendlichen Vervollkommnung fähig” [o sistema industrial [é] capaz de perfeição infinita].

59 Gans, 2005, p. 165.

60 Cf. Prefácio de Engels ao Segundo Volume de *O Capital* (1885); Marx & Engels, 1963, p. 14 – tradução em inglês de I. Lasker (Moscou: Progress Publishers, 1956), p. 6: “Marx começou seus estudos econômicos em 1843, em Paris, pelos grandes ingleses e franceses; dos alemães, ele conhecia apenas Rau e List, e com eles tinha o suficiente”. [Ed. Brasileira: Engels, In: Marx, 2014, pp. 85-86.]

61 Gans, 2005, p. 166.

62 Cf. Gans, 1981, p. 51s.; Gans, 2005, pp. 58-63. Para uma abordagem mais detalhada de Gans sobre Saint-Simon e sua escola, ver seu texto sobre Paris em 1830, in: *Rückblicke auf Personen und Zustände* [1836], edição com introdução e notas de N. Waszek (Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1995), pp. 91-102; cf. Waszek, 2006, pp. 24-49, em particular pp. 35-41.

63 Gans, 2005, p. 166.

64 A capa de seu livro exibe o ano de “1821”, mas o livro já estava disponível no final de 1820.

65 Cf. a velha edição de K. L. Michelet, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* (3 volumes, Berlin: Duncker und Humblot, 1833-1836) [*Werke*, vols. 13-15]; reimpressa na edição amplamente disponível em *Theorie Werkausgabe* [TWA]. 20 volumes, eds. Eva Moldenhauer & Karl Markus Michel (Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1969-1971), vols. 18-20, que mistura as lições de diferentes anos, com a nova edição - *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. 4 volumes, eds. Pierre Garniron e Walter Jaeschke (Hamburg: Meiner, 1986-1996) [Hegel, *Vorlesungen*, vols. 6-9] - baseada principalmente nas notas de alunos do curso de 1825/6.

épocas” e, dentre os excêntricos exemplos que ele usa para ilustrar seu ponto, temos “o inglês que denomina filosofia o que denominamos física experimental e química” (Hegel, 1969-1971, vol. 19, p. 34). Quando mais tarde menciona Newton, Hegel volta ao diferente escopo atribuído à filosofia em diferentes países:

Matemática e física são denominadas pelos [“ingleses”] filosofia newtoniana. Essa expressão está ainda em uso também em tempos mais recentes. Observações estão sendo feitas em economia política, em relação ao progresso da riqueza; a economia política de Adam Smith ganhou fama na Inglaterra. Princípios gerais tais como a liberalização do comércio são ali denominados máximas de filosofia, são denominados filosofia (Hegel, 1986-1996, vol. 9, p. 127s).

Hegel segue com um exemplo para esse uso do termo “filosofia”, tirado de um discurso de 1825 de George Canning,⁶⁶ um exemplo que Hegel encontrou lendo o *The Morning Chronicle*.⁶⁷ Atualmente mesmo restaurantes anunciarão sua “filosofia” no menu, explicando, por exemplo, que apenas usam comida orgânica de fornecedores locais, e assim por diante. Em passagens citadas, Hegel já está excluindo implicitamente tais usos do termo “filosofia”, e, ao menos em um conjunto de notas de estudantes de suas lições de 1825/26, diz explicitamente que “tudo que é derivado de princípios gerais é denominado filosófico. Pretendemos excluir todos esses aspectos do foco de nossa abordagem”.⁶⁸ Assim, é simplesmente coerente que Hegel, quando tratando da filosofia escocesa em suas *Lições*,⁶⁹ aplique essa exclusão: ele não apresenta as ideias econômicas de Smith, mas o menciona no contexto de outros autores (Francis Hutcheson, Adam Ferguson, Dugald Stewart) que escreveram sobre assuntos morais, dizendo que “nesse sentido, o economista Adam Smith é um filósofo também”,⁷⁰ obviamente uma alusão à *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759) de Smith, embora não seja uma prova definitiva de seu conhecimento em primeira mão do texto. Hegel parece ter tido consciência de que Smith (como Hutcheson e Ferguson) desenvolveu suas ideias econômicas durante uma cátedra de filosofia moral (em Glasgow, no seu caso) e concebeu essas ideias inicialmente como ramificações

66 George Canning (1770-1827), naquele momento (1822-1827) Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros e Líder da Câmara dos Comuns sob o Ministério do Conde de Liverpool. O discurso de Canning foi reportado da seguinte maneira: “um período acaba de começar quando os Ministros possuem o poder de aplicar ao governo do país as mesmas máximas justas da filosofia profunda” (para a fonte de Hegel, ver nota seguinte).

67 Que Hegel leu o relevante artigo – *The Morning Chronicle*, 14 de Fevereiro de 1825, p. 3 – pode ser provado por meio de seu excerto remanescente, primeiro publicado em Hegel, *Berliner Schriften 1818-1831*, ed. Johannes Hoffmeister (Hamburgo: Meiner, 1956), p. 701; cf. Petry, 1976, pp. 11-80, aqui p. 31s.

68 Essas notas podem ser encontradas na Academia Polonesa de Ciência na Cracóvia, MS, N° 57, p. 15. A identidade do estudante não está solidamente estabelecida, mas o nome “Helcel” é geralmente atribuído a elas.

69 Hegel, 1969-1971, volume 20, pp. 281-286; Hegel, 1986-1996, volume 9, pp. 144-148.

70 Hegel, 1969-1971, volume 20, p. 285: “Auch der Staatsökonom Adam Smith ist in diesem Sinne Philosoph”.

dessa disciplina. Certamente Smith posteriormente fez muito para emancipar a moderna disciplina da economia (exatamente como Ferguson no caso da sociologia). Hegel, por outro lado, está escrevendo a partir do outro lado da divisa, procurando uma síntese filosófica *depois* que essas ciências emergiram. A economia política, como qualquer outra ciência, está lhe oferecendo material para sua empreitada filosófica, mas ela própria não pode mais ser considerada parte da “filosofia”.

Referências

- Bertolino, A. (1996). *L'arte e la vita: storia della filosofia e teoria estetica in Heinrich Gustav Hotho*. Gênova: Pantograf.
- Bonacina, G. (1997). *La scuola hegeliana e gli Annali per la critica scientifica, 1827-1831: testi, commento, indici*. Milão: Guerini e associati.
- Butler, E. M. (1935). *The tyranny of Greece over Germany: A study of the influence exercised by Greek art and poetry over the great German writers of the 18th, 19th and 20th centuries*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Essbach, W. (1988). *Die Junghegelianer: Soziologie einer Intellektuellengruppe*. Munique: Fink.
- Feuerbach, L. A. (1833). *Anselms von Feuerbach kleine Schriften vermischten Inhalts*. Nuremberg: Otto.
- Gans, E. (1824-1835). *Das Erbrecht in Weltgeschichtlicher Entwicklung: Eine Abhandlung der Universalrechtsgeschichte*. 4 volumes. Volume I: Berlim: Maurer, 1824; volume II: Maurer, 1825; volume III: Stuttgart & Tübingen: Cotta, 1829; volume IV: Stuttgart & Tübingen: Cotta, 1835.
- Gans, E. (1831). Nekrolog. In *Allgemeine Preußische Staatszeitung*, Nr. 333, 1 de dezembro.
- Gans, E. (1836). Paris im Jahre 1825. In *Rückblicke auf Personen und Zustände* (pp. 1-47). Berlim: Veit.
- Gans, E. (1971). *Philosophische Schriften*. Ed. Horst Schröder. Berlim: Aufbau.
- Gans, E. (1981). *Naturrecht und Universalrechtsgeschichte*. Ed. Manfred Riedel. Stuttgart: Klett-Cotta.
- Gans, E. (1995). *Rückblicke auf Personen und Zustände [1836]*. Edição com introdução e notas de N. Waszek. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Gans, E. (2005). *Naturrecht und Universalrechtsgeschichte: Vorlesungen nach G.W.F. Hegel*. Ed. Johann Braun. Tübingen: Mohr-Siebeck.
- Gans, E. (2011). *Briefe und Dokumente*. Editado por Johann Braun. Tübingen: Mohr-Siebeck.
- Gethmann-Siefert, A. (1983). H. G. Hotho, Kunst als Bildungserlebnis und Kunstgeschichte in systematischer Absicht - oder die entpolitisierte Version der ästhetischen Erziehung des Menschengeschlechts. In *Kunsterfahrung und Kulturpolitik im Berlin Hegels*, Hegel-Studien Beiheft 22, editado por A. Gethmann-Siefert & Otto

- Pöggeler. Bonn: Bouvier.
- Hegel, G. W. F. (1832-1845). *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Werke*. Vollständige Ausgabe durch einen Verein von Freunden des Verewigten. 18 volumes, Berlim: Duncker e Humblot.
- Hegel, G. W. F. (1833). *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Segunda edição, ed. E. Gans. Berlim: Duncker & Humblot.
- Hegel, G. W. F. (1833-1836). *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. Editado por K. L. Michelet, 3 volumes. Berlim: Duncker & Humblot.
- Hegel, G. W. F. (1835-1838). *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Vorlesungen über Aesthetik*. Editado por H. G. Hotho, 3 volumes. Berlim: Duncker & Humblot.
- Hegel, G. W. F. (1956). *Berliner Schriften 1818-1831*. Ed. Johannes Hoffmeister. Hamburgo: Meiner.
- Hegel, G. W. F. (1969-1971). *Werke*. 20 volumes. Eva Moldenhauer & Karl Markus Michel (eds.). Frankfurt/Main: Suhrkamp.
- Hegel, G. W. F. (1973-1974). *Vorlesungen über Rechtsphilosophie 1818-1831*. Editado por Karl-Heinz Ilting, 4 volumes. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Hegel, G. W. F. (1975). *Lectures on the philosophy of world history: introduction: Reason in history*. Traduzido por H. B. Nisbet, com uma introdução de Duncan Forbes. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hegel, G. W. F. (1975). *Aesthetics; lectures on fine art*. Editado e traduzido por T. M. Knox. Oxford: Clarendon Press.
- Hegel, G. W. F. (1983-2007). *Vorlesungen. Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte*. 17 volumes. Hamburgo: Meiner.
- Hegel, G. W. F. (1984). *Hegel: The Letters*. Traduzido por Clark Butler e Christiane Seiler, com comentário de Clark Butler. Bloomington: Indiana University Press.
- Hegel, G. W. F. (1986-1996). *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. 4 volumes. Pierre Garniron e Walter Jaeschke (eds.). Hamburg: Meiner.
- Hegel, G. W. F. (1990). *Encyclopedia of the philosophical sciences in outline, and critical writings*. Traduzido por A. V. Miller, Steven A. Taubeneck e Diana I. Behler, editado por Ernst Behler. New York: Continuum.
- Hegel, G. W. F. (1991). *Elements of the Philosophy of Right*. Editado por Allen W. Wood; traduzido por H. B. Nisbet. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hegel, G. W. F. (1994). *Die "Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik": Hegels Berliner Gegenakademie*. Editado por Christoph Jamme. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Hegel, G. W. F. (2001). *Filosofia della storia universale: secondo il corso tenuto nel semestre invernale 1822-23*. Introdução e tradução de Sergio Dellavalle. Torino: Einaudi, 2001.
- Hegel, G. W. F. (2010). *Encyclopedia of the philosophical sciences in basic outline*. Traduzido e editado por Klaus Brinkmann e Daniel O. Dahlstrom. Cambridge:

Cambridge University Press.

- Hegel, G. W. F. (2011). *Lectures on the philosophy of world history. Manuscripts of the introduction and the Lectures of 1822-3*. Editado e traduzido por Robert F. Brown & Peter C Hodgson, com a assistência de William G. Guess. Oxford: Oxford University Press.
- Hegel, G. W. F. (2022). *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito, ou, Direito natural e ciência do estado no seu traçado fundamental*. Tradução, apresentação e notas de Marcos Lutz Müller, adendos de Eduard Gans e introdução de Jean-François Kervégan. São Paulo: Editora 34.
- Hegel, G. W. F. (2012). *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Traduzido por Paulo Meneses. Terceira edição. São Paulo: Edições Loyola.
- Heine, H. (1973-97). *Düsseldorfer Heine-Ausgabe*, 16 vols., ed. Manfred Winfuhr. Hamburgo: Hoffmann & Campe.
- Heine, H. (1991) *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. 1ª edição. Traduzido por Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras.
- Heine, H. (2006). On the History of Religion and Philosophy in Germany. In Ritchie Robertson (ed.), *The Harz Journey and Selected Prose*, Harmondsworth: Penguin.
- Hoffheimer, M. H. (1995). *Eduard Gans and the Hegelian philosophy of law*. Dordrecht: Kluwer.
- Höhn, G. (2004). *Heine-Handbuch: Zeit - Person - Werk*. 3ª edição. Stuttgart & Weimar: Metzler.
- Hotho, H. G. (1828). Die Gerechtigkeit in ihrer geistgeschichtlichen Entwicklung, dargestellt von J. Saling. In *Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik* (pp. 257-265). N. 33 e 34 (Agosto). Stuttgart e Tübingen: J. G. Cotta'schen Buchhandlung.
- Hotho, H. G. (1835). *Vorstudien für Leben und Kunst*. Stuttgart: Cotta.
- Hotho, H. G. (1842-1843). *Geschichte der deutschen und niederländischen Malerei*. 2 volumes. Berlin: Simion.
- Hotho, H. G. (1855-1858). *Die Malerschule Huberts van Eyck nebst deutschen Vorgängern und Zeitgenossen*. 2 volumes [incomplete]. Berlin: Veit & Co.
- Hotho, H. G. (1867-1872). *Geschichte der christlichen Malerei in ihrem Entwicklungsgang dargestellt*. 3 volumes [incomplete]. Stuttgart.
- Jamme, C (1984). Editionspolitik. Zur 'Freundesvereinausgabe' der Werke G. W. F. Hegels. In *Zeitschrift für Philosophische Forschung*, vol. 38, n. 1, pp. 83-99.
- Lucas, H.-C. (2002). "Dieses Zukünftige wollen wir mit Ehrfurcht begrüßen": Bemerkungen zur Historisierung und Liberalisierung von Hegels Recht- und Staatsbegriff durch Eduard Gans. In R. Blänkner, G. Göhler & N. Waszek (eds.) *Eduard Gans (1797-1836): politischer Professor zwischen Restauration und Vormärz* (pp. 105-136). Leipzig: Leipziger Universitätsverlag.
- Lukács, G. (1975). *The young Hegel: studies in the relations between dialectics and economics [1948]*. Tradução de Rodney Livingstone. Londres: Merlin Press.

- Marx, K. (1956). *Capital*. Volume 2. Tradução em inglês de I. Lasker. Moscou: Progress Publishers.
- Marx, K. e Engels, F. (1963). *Marx-Engels-Werke*. Volume 24. Berlim: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1974). Para a crítica da economia política. Traduzido por J. A. Giannotti e E. Malagodi. In *Os pensadores*, volume 35. São Paulo: Abril Cultural.
- Marx, K. (2012). *A Contribution to the Critique of Political Economy* [1859]. Editado e com uma introdução de Maurice Dobb. Toronto: General Books.
- Marx, K. (2014). *O capital. Crítica da economia política*. Livro II. Editado por Friedrich Engels, traduzido por Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.
- Michelet, K. L. (1824). *De doli et culpae in iure criminali notionibus*. Berlim: Petsch.
- Michelet, C. L. (1870). *Hegel, der unwilderlegte Weltphilosoph: eine Jubelschrift*. Leipzig: Duncker & Humblot.
- Michelet, K. L. (1884). *Wahrheit aus meinen Leben*. Berlim: Nicolai.
- Ottmann, H. (1977). Hegel im Spiegel der Interpretationen. In *Individuum und Gemeinschaft bei Hegel*, volume 1. Berlim & Boston: de Gruyter.
- Petry, M. (1976). Hegel and 'The Morning Chronicle'. In *Hegel-Studien*, volume 11, pp. 11-80.
- Riedel, M. (1984). *Between tradition and revolution: the Hegelian transformation of political philosophy* [1969]. Tradução de Walter Wright. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosenkranz, K. (1830). *Geschichte der deutschen Poesie im Mittelalter*. Halle: Anton & Gelbcke.
- Rosenkranz, K. (1832-1833). *Handbuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie*. 3 volumes Halle: Eduard Anton.
- Rosenkranz, K. (1834). *Hegel: Sendschreiben an den Hofrath und Professor Carl Friedrich Bachmann in Jena*. Königsberg: Unzer.
- Rosenkranz, K. (1844). *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben*. Berlim: Duncker & Humblot.
- Rosenkranz, K. (1848) *Die Pädagogik als System. Ein Grundriß*. Königsberg: Bornträger.
- Rosenkranz, K. (1855). *Die Poesie und ihre Geschichte: eine Entwicklung der poetischen Ideale der Völker*. Königsberg: Bornträger.
- Rosenkranz, K. (1856). *Goethe und seine Werke*. Segunda edição. Königsberg: Bornträger.
- Rosenkranz, K. (1858). *Apologie Hegels gegen Dr. R. Haym*. Berlim: Duncker & Humblot.
- Rosenkranz, K. (1866). *Diderot's Leben und Werke*. 2 volumes. Leipzig: Brockhaus.
- Rosenkranz, K. (1872). *Pedagogics as a system*. Traduzido por Anna C. Brackett. St. Louis, Mo.: Studley.

- Rosenkranz, K. (1873). *Von Magdeburg bis Königsberg*. Berlin: Heimann.
- Rosenkranz, K. (1875-1878). *Neue Studien*. 4 volumes. Leipzig: Koschny.
- Rosenkranz, K. (2008) *Die Pädagogik als System. Ein Grundriß*. Introdução de Michael Winkler. Iena: Paideia.
- Ruge, A. e Echtermeyer, T (eds.) (1840). *Hallische Jahrbücher für Deutsche Wissenschaft und Kunst*, volume 3. Leipzig: Wigand.
- Saling, J. (1827). *Die Gerechtigkeit in ihrer geistgeschichtlichen Entwicklung*. Berlin: C.F. Plahn.
- Savigny, F. C. von. (1815-1831). *Geschichte des römischen Rechts im Mittelalter*. 6 volumes. Heidelberg: Mohr.
- Strauss, D. F. (1835-1836). *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*. 2 vols., Tübingen: Osiander.
- Strauss, D. F. (1846). *The life of Jesus, critically examined*. Traduzido por Marian Evans. Londres, Chapman Brothers.
- Strauss, D. F. (1837). *Streitschriften zur Vertheidigung meiner Schrift über das Leben Jesu und zur Charakteristik der gegenwärtigen Theologie*. Heft 3. Tübingen: Osiander.
- Strauss, D. F. (1895). *Ausgewählte Briefe von David Friedrich Strauss*. Eduard Zeller (ed.). Bonn: Emil Straus.
- Toews, J. E. (1980). *Hegelianism: the path toward dialectical humanism, 1805-1841*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Waszek, N. (1988). *The Scottish enlightenment and Hegel's account of "civil society"*. Dordrecht: Kluwer.
- Waszek, N. (2006). Eduard Gans on Poverty and on the Constitutional Debate. In Douglas Moggach (ed.) *The New Hegelians: Politics and Philosophy in the Hegelian School* (pp. 24-49). Cambridge, Cambridge University Press.
- Waszek, N. (2015). War Eduard Gans (1797-1839) der erste Links-oder Junghegelianer? In Michael Quante e Amir Mohseni (eds.), *Die linken Hegelianer. Studien zum Verhältnis von Religion und Politik im Vormärz*. Paderborn: Fink, pp. 29-51.
- Waszek, N. (2018). David Friedrich Strauss in 1848 - an analysis of his 'theological political speeches'. In Douglas Moggach & Gareth Stedman Jones (eds.), *The 1848 Revolutions and European Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 236-253.
- Ziemer, E. (1994). *Heinrich Gustav Hotho (1802-1873): ein Berliner Kunsthistoriker, Kunstkritiker und Philosoph*. Berlin: Reimer.

Recebido em: 29.10.2021

Aceito em: 18.10.2022